

Alunagem, novo espaço- -fronteira e falência do corpo em “Efemérides” (1999) e “A síndrome de Abraão” (2009) de João Barreiros

MARGARIDA RENDEIRO*

O corpo está a tornar-se, portanto, a imagem do mundo

Miranda 2015

*You can't convince a believer of anything; for their belief
is not based on evidence, it's based on a deep-seated need to believe*

Sagan 1985

Introdução

Em 1962, dirigindo-se a uma multidão que o escutava no estádio da Universidade Rice sobre o programa espacial, o Presidente John F. Kennedy declarou “escolhemos ir à Lua nesta década e fazer outras coisas, não porque elas sejam fáceis, mas porque são difíceis”¹. Este programa era a resposta da participação do governo norte-americano, em competição com o governo

* CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8607-3256>. E-mail: mmrendeiro@netcabo.pt.

1 Tradução do autor. No original: “we choose to go to the moon in this decade and do the other things, not because they are easy, but because they are hard [...]” “John F. Kennedy

soviético, o seu grande rival na Guerra Fria, à corrida pela supremacia na exploração e tecnologia espacial. A União Soviética tinha lançado o satélite artificial Sputnik 1 em 1957, tendo os Estados Unidos lançado o seu primeiro satélite, o Explorer I, em 1958. Nesta competição, foram os astronautas norte-americanos que primeiro conseguiram circum-navegar a Lua em 1968 e também foram eles a caminhar primeiro no solo lunar, em 1969. As missões soviéticas de circum-navegação à Lua não foram tripuladas. Ao dar o mote para a campanha espacial com intenção de elevá-la a desígnio nacional, as palavras de Kennedy recorreram ao imaginário norte-americano, nomeadamente ao espírito pioneiro, que remetia para os primeiros colonos, que tinham desbravado novos territórios e cruzado fronteiras cada vez mais longínquas. Neste caso, o espaço sideral constituía-se em novo território a explorar e a Lua em nova fronteira. Era o pioneirismo norte-americano reconvertido no século XX. Não obstante a alunagem ter sido bem-sucedida em 1969, apenas outras cinco missões do Programa Apollo, o programa coordenado pela NASA com o objectivo de colocar o Homem na Lua, se seguiram, tendo a última, a missão Apollo 17, sido realizada em 1972.

A alunagem representou a possibilidade de estabelecer uma nova fronteira, saindo do já explorado espaço terrestre e definindo a Lua como território potencialmente colonizável, na mesma lógica que impulsionara a acção humana na Terra. Assinalava-se uma nova fase de um imaginário de expansão, depois da expansão marítima e terrestre, esta última particularmente presente no imaginário norte-americano, associada à marcha para o Oeste numa busca de expansão territorial. A visualidade associada à colocação da bandeira norte-americana é em si mesma evocadora do gesto dos antigos colonos nessa corrida quando se apropriavam de novas terras, e também do gesto dos colonizadores europeus – nomeadamente dos portugueses – assim que chegavam a novos territórios e cravavam o padrão para decretar aí a soberania portuguesa, como sublinha Mancelos (2002, 235). Feitos novos, gestos antigos. Contudo, esses gestos também mostraram que a conquista de um novo espaço representava o cruzamento de uma nova fronteira *a partir* da Terra, particularmente *a partir* dos Estados Unidos da América. O dia 20 de Julho de 1969 revelou ter um tal exponencial valor político, económico, cultural e espiritual que pode ser considerado o *apparategeist* para as décadas seguintes (Jouhki 2019, 138),

Podium”, *Space Center Houston*, <https://spacecenter.org/exhibits-and-experiences/starship-gallery/kennedy-podium/>.

pelas inovações tecnológicas, recursos financeiros e empenho demonstrados². Esta importância está espelhada nos jogos, na cinematografia e na literatura produzida a partir de então, definida com base numa realidade pós-alunagem.

No entanto, a alunagem não representa necessariamente um marco de optimismo no espírito utópico, nomeadamente no que diz respeito a uma relação de qualidade de vida assegurada pela tecnologia no futuro. Produções cinematográficas e literárias mais antigas, tais como *Le Voyage dans la Lune*, de G. Méliès (1902), e *Os Primeiros Homens na Lua*, de H. G. Wells (1901), um dos livros que inspiraram o filme de Méliès, diferenciam-se pelo espírito utópico, combinando a aventura e o risco em empresas bem-sucedidas. Na verdade, grande parte da ficção científica produzida desde a década de 80 reflecte o que se convencionou chamar *cyberpunk*: uma visão que combina a alta tecnologia com a baixa qualidade de vida; ou seja, ciência avançada, tecnologia e cibernética a conviverem numa sociedade progressivamente distópica. Paralelamente, o impulso utópico parece ter diminuído de intensidade e optimismo ao longo do século XX. Miranda (2015, 254) aponta que a crise das grandes imagens utópicas do mundo contemporâneo teve como efeito imediato a sua disseminação por toda a experiência humana, defendendo que a crise das utopias e a dominância das distopias abalaram a ideia de mundo, particularmente a imagem racionalista de um mundo alternativo. O conceito de mundo tornou-se central nas utopias que tinham com o tempo uma relação fundamental, na medida em que a salvação ou redenção acontecia no final da história. O desejo utópico passou para o domínio do espaço da actualidade, esbatendo-se as diferenças entre o real e o irreal e desdobrando-se em pequenas utopias ou micro-utopias que já não visam a ideia de mundo, substituída então pela ideia de corpo (Miranda 2015, 256). O corpo como ideia de mundo e um corpo cada mais que biotécnico.

Os contos de João Barreiros “Efemérides” (1999) e “A síndrome de Abraão” (2009), reunidos na colectânea *Se acordar antes de morrer* (2010) do mesmo autor, ao re-imaginarem os tempos que se seguiram à chegada do Homem à Lua, reflectem essa crise do imaginário utópico. Por um lado, mostram que a Lua, enquanto realidade pós-1969 considerada numa perspectiva dos Estados Unidos como potência vencedora, é fundamentalmente um espaço de distopia, de desequilíbrio e de sobrevivência meramente assegurada pela tecnologia.

2 “*Apparatgeist*” é um termo originalmente criado por Katz e Aakhus (2002) para compreender a relevância social e cultural do equipamento tecnológico, isto é, o significado atribuído quer por utilizadores, quer por não-utilizadores.

A vida lunar é expressão de um desequilíbrio que culmina na falência do corpo humano. Por outro lado, o Outro alienígena resulta da nossa desumanização. Neste sentido, este artigo defende que os contos de João Barreiros mostram que o corpo, enquanto expressão utópica de uma ideia de mundo, é passível de ser configurado somente sob o céu terrestre, ou seja, pode apenas ser concretizado *no* e *para* o mundo terrestre. A configuração do Outro alienígena começa a ser desenhada na Terra a partir do momento em que o ser humano depende incondicionalmente da máquina, entendida como os avanços tecnológicos que se precipitaram depois da chegada do Homem à Lua, sem nunca questionar esta relação.

“Efemérides” (1999), conto inicialmente publicado no jornal diário *Público* para celebrar os 30 anos da chegada do Homem à Lua, imagina a primeira geração nascida e criada na Lua com base na tecnologia disponível na década de 60. O facto de ter nascido na Lua não impede Russell, o protagonista, de se refugiar em sonhos terrestres, com as ruas de Nova Iorque, as suas livrarias e os cheiros a *donuts* e fritos. A vida lunar é limitada pela escassez de água, que determina as rotinas dos seres lunares.

Em “A síndrome de Abraão” (2009), uma contra-resposta à visão humanista de Carl Sagan no seu *Contacto*, passados 40 anos da chegada do Homem à Lua, discute-se a consequência dos repetidos esforços envidados para um contacto com uma possível inteligência extraterrestre. Nesta narrativa de primeira pessoa, defende-se que a alunagem provocou um desequilíbrio entre a tecnologia e a vida humana, numa relação acrítica em que a tecnologia está claramente sobrevalorizada, bem como a qualidade de vida humana dela dependente. Partindo desse marco de 1969, ficciona-se a possibilidade de esse desequilíbrio ter evoluído para uma forma de domínio da tecnologia avançada, denominada *Enciclopédia* e cujas sementes se encontravam em repouso na Lua, que subjugou todos os seres humanos, enleados pela oportunidade de progressivamente terem acesso a toda a informação disponível. Quarenta anos mais tarde, a descoberta de que o prazo do que seria uma assinatura gratuita (nunca devidamente reconhecida por todos) para aceder à informação está a terminar e de que existe a necessidade de efectuar um pagamento para manter esse contrato levanta a possibilidade de a vida humana se encontrar comprometida devido à dependência dessa tecnologia e principalmente devido ao facto de nunca ter havido um momento de reflexão sobre essa aceitação e a progressiva sobrevalorização dos equipamentos tecnológicos face à vida humana.

Lua como espaço de distopia

Por definição, a utopia é a criação de um mundo alternativo. Em “Efemérides” (1999), a utopia é desenhada a partir da conjectura de que determinados factos que marcaram a década de 60 não aconteceram: o assassinato de John F. Kennedy (m. 1963), o presidente norte-americano que impulsionou o programa espacial; a morte de Norma Jean (m. 1962), a atriz com o nome artístico Marilyn Monroe, a quem foi atribuído um caso amoroso extraconjugal com esse presidente; e o assassinato de Martin Luther King (m. 1968). Face a estes assassinatos, a que se juntaram diversos tumultos, protestos sociais e a guerra no Vietname, a notícia de que a NASA avançava com o seu programa espacial e de que, de facto, tal como Kennedy determinara no início na década, os norte-americanos conseguiriam colocar seres humanos na Lua afigurava-se como um sinal de esperança e união. Esse sinal, em “Efemérides” (1999), mostra-se essencialmente devedor do impulso do presidente norte-americano que, no conto, se desloca à Lua para cumprimentar pessoalmente a primeira geração de lunares, trinta anos depois da primeira alunagem. Kennedy encarna a esperança que, no conto, impulsionou a colonização lunar, ou seja, a “plena Utopia” (Barreiros 2010, 127), restando ainda vestígios materiais da competição espacial que a precedeu: o módulo Eagle e a sonda robô Luna 20³. Contudo, a utopia lunar apenas se constrói alicerçada num exercício de imaginação sobre uma vontade política que nunca se deparou com obstáculos; no que diz respeito à progressiva escassez de recursos naturais na Terra, que, de certa forma, também esteve na base do desejo de exploração da Lua e do espaço sideral, na busca de alternativas ao planeta azul, as premissas são mantidas e mostram como a utopia de uma colonização na Lua se transforma numa experiência profundamente distópica.

Segundo os relatórios *Global Environment Outlook 2000* (UNEP, 1999) e *Global Environment Outlook 3* (UNEP, 2002), do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), a escassez de água é um problema que se agravará progressivamente até 2025. A ficção científica mostra o mundo que poderá ser, ao contrário do realismo e da fantasia (Rodrigues 2013, 30). Em “Efemérides” (1999), a Lua é o espelho de uma Terra sem água, representando a alternativa com a tecnologia disponível que não colmata a escassez de água;

3 Eagle foi o módulo lunar que pousou na Lua, transportando Neil Armstrong e Buzz Aldrin, a 20 de Julho de 1969. Luna 20 era o nome da segunda missão robótica conduzida pela URSS, com o objectivo de recolher amostras lunares, realizada a 14 de Fevereiro de 1972.

lida com o problema para assegurar a sobrevivência. É um espaço colonizado numa estratégia de expansão semelhante à realizada na Terra, com o estabelecimento de colónias, mas condicionada pela escassez de água: “Um mundo que vive à míngua de água e que não pode passar sem o precioso Helium”³ (Barreiros 2010, 126). O racionamento de água é lei e o desperdício sancionado criminalmente porque “[a]s gerações seguintes também têm direito à sua conta de esponjas húmidas” (Barreiros 2010, 127). Na ausência de água, a colónia lunar destaca-se pela artificialidade de um meio ambiente carregado de aridez e pó:

Quando à beira do despertar, Russell sonha com a terra, numa alucinação sinestésica tão poderosa que, ao abrir os olhos sob o falso céu esculpido na rocha do dormitório, mal consegue libertar-se dela. Luzes indirectas começam a escalar de intensidade, o hino difundido pelos auriculares da tarimba murmura-lhe baixinho que há estrelas a brilhar sobre oceanos de pó enquanto projecções pirosas de nuvens escorregam sobre a curvatura de regolito polido para dar a todos uma ilusão de céu. São seis da manhã (EASTERN DAYLIGHT TIME) ou pelo menos o que passa por manhã na Escola Preparatória de Aristarcus. Vinte de Julho de 1999. Em Luna. Um mundo monótono e tristonho sem selenitas, Titãs ou Grandes Lunares. (Barreiros 2010, 126)

Nesta distopia, Nova Iorque, sinédoque da Terra, constitui-se, por contraste, como espaço de sonho e sinestesia, somente visitado através da Realidade Virtual, onde proliferam as sensações tácteis (“macieza escorregadia”), olfactivas (“perfume de gordura e donuts fritos” e “cheiro a cola e tinta fresca”), auditivas (“berros de buzinas” e “barras de néon a crepitarem sobre a chuva torrencial”), visuais (“recheios coloridos”) e gustativas (“gosto a cachorro quente”). Nova Iorque é a cidade urbana contemporânea. Em sonhos alucinantes, as vibrações da cidade são ampliadas excessivamente, ao mesmo tempo que Russell deambula por entre ruas do bairro de Greenwich Village e livrarias, com prateleiras repletas de livros de banda desenhada; é um excesso de urbanidade semelhante ao que Walter Benjamin, na década de 60, recorrendo igualmente à figura do *flâneur*, um espectador urbano moderno deambulando pelas ruas de Paris, via como sinal de alienação da cidade e do capitalismo. Em “Efemérides” (1999), o sonho da urbanidade excessiva, disfrutado sinestesticamente, é o que faz Russell suportar o pesadelo da realidade lunar, e a alienação efémera é o que o faz suportar a vida lunar. Em Luna, as sensações – com particular intensidade as sensações olfactivas – são niveladas pelo pesadelo que caracteriza a vivência

diária: “cheira a suor requeimado, a chulé, ao sebo encrostado nos colchões”; “o cheiro faz parte deles, acompanhou-os a vida inteira, embrenhou-se-lhes nos poros, como o pó lunar” (Barreiros 2010, 127); “inomináveis salsichas de soja que devem saber a tudo menos a isso” (Barreiros 2010, 128); “fatos de pressão [...] fedem ao último utilizador” (Barreiros 2010, 127-128).

O espaço distópico constrói-se em torno da privação de liberdade de expressão individual. A este respeito, a vida na Lua não constitui uma alternativa à Terra; é antes uma condenação: “Por fim, para rematar o dia, John F. e a adorável ex-atriz Norma, passarão revista aos eleitos da primeira geração, os gigantones nascidos em Luna, e condenados a permanecerem aí até ao resto das suas vidas miseráveis” (Barreiros 2010, 128). O ambiente é de caserna, desprovido de conforto, e não oferece espaço para a expressão individual: os jovens lunares dormem em tarimbas e têm o seu dia preenchido com os deveres que asseguram a sustentabilidade da sua vida na Lua. O sonho/alucinação é o único momento em que Russell se pode abstrair do quotidiano lunar, imaginando viver na Terra e a deambular sozinho livremente. A impossibilidade lógica de Russell ter memórias da vida na Terra, uma vez que nasceu e viveu sempre na Lua, ao mesmo tempo que as imagens dessa vida são o que lhe assegura bem-estar, é um sinal para o leitor nunca deixar de estabelecer a comparação entre uma hipotética vida lunar e a vida urbana terrestre, com tudo o que habitualmente se aponta como nocivo.

O sonho/alucinação contrasta com o pesadelo da realidade, que se revela “uma realidade falsa onde a Lua é o trampolim para Marte, para os asteróides, para todos esses mundos novos que esperam por nós a anos-luz daqui” (Barreiros 2010, 128). A certeza acrítica de que o espaço sideral e a vida inteligente esperam o contacto humano, constituindo a base do investimento num programa espacial que progressivamente estabelece novas fronteiras (Lua, Marte), é errónea. Nada nem ninguém espera pelo Homem. Tudo é construção humana. Este aspecto, particularmente desenvolvido em “A síndrome de Abraão” (2009), está presente em “Efemérides” (1999) através da evocação do universo fantasioso descrito nos livros de banda desenhada *Moon Monster Stories*, *Martian Super Heroes* e *Comet Tales* que proporcionam o deleite a Russell durante o seu sonho/alucinação e que contrastam significativamente com o pesadelo de uma vida na colónia lunar. Para além disso, a narrativa aponta para as consequências das escolhas: “Como se fosse possível, entre a pluralidade de mundos possíveis, escolher um universo que não este” (Barreiros 2010, 130). Na formulação de alternativas, a construção de um mundo outro fora do espaço da Terra é o princípio da distopia. Neste sentido,

a recusa dessa distopia passa pela aceitação dos factos e das efemérides tais como eles são. John F. Kennedy foi assassinado; é a realidade. Esse é igualmente o desejo que Russell exprime quando interpelado directamente pelo Presidente, a única saída imaginada para se libertar do seu pesadelo lunar e impossível porque os factos não se revertem e as decisões têm consequências. Contudo, o desejo de Russell é a realidade fora dos limites da ficção presentes em “Efemérides” (1999). Neste sentido, ele aponta igualmente para o princípio da recusa da distopia, deixando em aberto a reinvenção de outros mundos sob o céu terrestre.

Deslumbramento e princípio da distopia

Ambos os contos de Barreiros entram em diálogo com a visão de cientistas e autores de ficção científica, integrando-os como personagens figurantes ou desafiando perspectivas. Em “Efemérides” (1999), Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick são convidados especiais na cerimónia que assinala o nascimento da primeira geração de lunares, numa referência implícita a *2001: Odisseia no Espaço*, o filme que Kubrick criou a partir do livro *A Sentinela* de Clarke. O filme projecta-se num futuro que é sensivelmente o presente alternativo de que trata o conto de Barreiros. Clarke e Kubrick são igualmente referidos em “A síndrome de Abraão” (2009). Além disso, a Nota Introdutória de “A síndrome de Abraão” (2009) interpela a visão de Carl Sagan, publicada no seu *Contacto*, questionando, uma vez mais, a plausibilidade de uma visão optimista sobre a exploração espacial.

Aludindo explicitamente a um episódio bíblico do Velho Testamento sobre o acatamento sem discussão e a submissão perante a fé, João Barreiros utiliza a expressão “síndrome de Abraão” para se referir à visão humanista de cientistas, a que igualmente chama “religião do Saganismo Eufórico” (Barreiros 2010, 248), numa clara referência a Carl Sagan, sobre um possível contacto entre seres humanos e seres alienígenas. Barreiros questiona essa certeza humana de que esse contacto é tão desejado pelos seres alienígenas como pelos seres humanos e de que essas relações se estabelecerão com base numa vantagem dada aos seres humanos.

A perspectiva do narrador de “A síndrome de Abraão” é fundamentada nos ensinamentos que a história pode oferecer quando existe uma disposição para olhar para o passado: “Quem ignora as lições da história vai ter de repeti-las *ad nauseam*” (Barreiros 2010, 246). A história mostra que, de uma forma geral, o fascínio sobre o Universo e, em particular, a euforia em torno da

alunagem desencadearam um deslumbramento pela tecnologia que gerou um desequilíbrio. Na narrativa, o início desse deslumbramento é referido como o momento em que “as flores *acordaram*” (Barreiros 2010, 246). O fascínio perante os avanços tecnológicos e o empenho no desenvolvimento da ciência, identificados em “A síndrome de Abraão” (2009) num exercício de retrospectiva, são os mesmos que Jouhki (2019) reconheceu como sendo a base do *apparategeist* que definiu as décadas de 60 e 70 em torno da alunagem. No conto de Barreiros, esse deslumbramento, um “apelo de sereias” (Barreiros 2010, 247), constrói-se em torno da metáfora do delírio febril que surge a partir de uma contaminação “com *memes* metagnósticos de uma civilização transgaláctica”. Em “A síndrome de Abraão” (2009), o sonho delirante está mais próximo das bandas desenhadas enunciadas em “Efemérides” (1999): “os três astronautas sonhavam com Impérios Galácticos, visões divinas, êxtases místicos e momentos de futuras erecções que nem as primitivas cantáridas poderiam alguma vez superar” (Barreiros 2010, 249). É igualmente o delírio a base de escolhas que se fizeram na Terra e que no conto de 1999 precipitaram o pesadelo de uma vida exclusivamente vivida na colónia lunar.

A massificação do fascínio em relação aos avanços tecnológicos é representada metaforicamente em “A síndrome de Abraão” (2009) através da imagem da proliferação de flores que se reproduzem de uma forma que escapa ao controlo humano, sendo transportadas da Lua para a Terra em “contentores do módulo”, depois de tocadas pelas “mãos nuas e seborrosas dos dois astronautas” e espalhadas pela Terra, pelas “praias da Florida, nos jardins públicos de Miami” por “técnicos, marinheiros, agentes do FBI” que transportaram as sementes “nas solas dos sapatos e nas dobras das roupas” (Barreiros 2010, 248-249). A Enciclopédia, o sistema de troca livre e franca de informação facilmente acedido por toda a população mundial, é responsável por um entusiasmo – representado sinesteticamente pela “sensação de frescura” (Barreiros 2010, 251) – gerado por uma nova maneira de ver a realidade em volta, fundada na sociedade de informação. É a diferença entre estar simplesmente na praia e estar informado de que a praia “estava infestada pelas salmonelas provenientes dos eflúvios de um matadouro próximo” (Barreiros 2010, 251).

“Efemérides” (1999) e “A síndrome de Abraão” (2009) reflectem aspectos diversos de uma mesma distopia cujo princípio é assinalado pela chegada do Homem à Lua: enquanto o primeiro conto se centra num projecto de colonização lunar, o segundo constrói a distopia a partir do desenvolvimento da sociedade de tecnologia e informação, num discurso que se diferencia largamente do primeiro conto por ser uma reflexão sobre o presente que temos em função

do que se alcançou em 1969. Por ter sido publicada em 2010, “A síndrome de Abraão” é uma reflexão que decorre da evolução da difusão dos sistemas de informação e de redes sociais que transformaram a relação do Homem com o mundo que o rodeia, construindo uma falaciosa “Utopia nascida desta Felicidade Compulsiva” (Barreiros 2010, 252). Esta reflexão, que denota a influência da ficção *cyberpunk*, acompanha outras reflexões que se têm desenvolvido sobre as evoluções tecnológicas que ditaram um novo relacionamento entre o Homem e a máquina, na medida em que consideramos que “a interrogação do humano é indissociável da tecnologia”, sendo “o pesadelo que todo o potencial tecnológico permaneça sob domínio dos países ricos e das megacorporações” (Regis 2003, 17-18). No conto de Barreiros, esse pesadelo constitui o presente distópico: “a Enciclopédia poderia ser considerada uma arma à escala trans-galáctica construída para sufocar as civilizações da Periferia. Tornámo-nos dependentes de uma droga” (Barreiros 2009, 253). Devido ao seu poder, a Enciclopédia emerge como uma verdadeira inteligência extraterrestre, constituída por seres “sádicos” e “voyeurs” que contemplam o espectáculo humano com frieza absoluta, apesar de a História oferecer exemplos – a oferta dos Gregos de um cavalo de madeira aos Troianos ou a oferta dos colonos brancos de cobertores contaminados com malária aos índios americanos, entre outros – de como os homens não deveriam obedecer e aceitar sem antes discutir.

Espaço distópico e falência do corpo

O corpo tornou-se a imagem do mundo, expressão das suas utopias, e a sua potencial transformação em ser híbrido, na relação que estabeleceu com a tecnologia, mostra que as fronteiras entre o humano e o tecnológico se esbatearam; como o narrador de “A síndrome de Abraão” afirma: “Resta-nos optar entre a extinção global da nossa espécie e a simples perda de algumas células não essenciais. O Darwinismo social assim o obriga” (Barreiros 2009, 254). Contudo, como poderemos conceber um corpo utópico quando ele é concebido fora do espaço terrestre? Em que medida é que podemos ver no desenvolvimento da tecnologia que parece escapar ao nosso controlo a configuração do Outro alienígena, o Outro de quem o Homem aceitou depender incondicionalmente? As distopias “Efemérides” (1999) e “A síndrome de Abraão” (2009) sugerem, antes de mais, que quaisquer considerações sobre alternativas deverão ser configuradas na Terra.

Em “Efemérides” (1999), Russell faz parte da primeira geração de seres lunares nascida e criada com sucesso em Luna, a primeira colónia lunar e,

neste sentido, a utopia de um mundo alternativo poderia ser feliz. No entanto, o corpo de Russell é a evidência de um corpo falido, condenado ao meio ambiente lunar e sem possibilidades de sobrevivência em Terra:

Custa-lhe a pôr-se de pé, a enfiar os anéis de ferro nos tornozelos. Tem um metro e noventa de altura, e ainda está para crescer mais. E com os ossos descalcificados, como não podia deixar de ser. Nestas condições, nunca visitará a Terra a não ser em Realidade Virtual. Frágil como é, um triste arranjo de palitos com uma cabeça de alfinete eriçada no topo, a gravidade da Mãe Gaia dava-lhe cabo do coração em poucas horas. Sem falar no risco de fracturas múltiplas à mais pequena escorregadela. Se Russell voltasse à Terra, ele que é o produto da primeira geração de lunares, um espirro matava-o. (Barreiros 2010, 127)

A incapacidade de sobrevivência do corpo humano lunar fora do espaço em que foi criado e a disformidade que o caracteriza na formulação da utopia, espaço alternativo ao mundo conhecido, são o princípio da sua transformação em *distopia*, espaço da falência do corpo. A deformidade e fragilidade extrema do corpo num espaço que se constitui em lugar de condenação em vida sugere que a vida humana dificilmente pode ser planeada como *extensão* da vida no espaço terrestre. A partir do momento em que sai deste espaço, fica condenada a não poder regressar. Por outro lado, constituindo-se a Lua em espelho reverso da Terra e não numa sua extensão, “Efemérides” (1999) deixa implícito que uma *eutopia* passa por uma representação sob o céu terrestre.

Quando consultado por Kubrick e Clarke sobre a melhor forma de representar a vida extraterrestre, Sagan afirmou que seria pouco provável que a vida alienígena pudesse ser semelhante à vida terrestre e uma qualquer representação física soaria a falso. Recomendou, portanto, que essa vida fosse antes sugerida (Sagan 2000, 182). A representação do computador Hall 9000 e a sugestão de que a natureza da espécie alienígena tinha evoluído de seres biológicos para entidades-máquinas imortais e depois para seres de pura energia e espírito, com capacidades ilimitadas e inteligência indomável, deixaram Sagan satisfeito com a opção tomada. “A síndrome de Abraão” (2009) parte da configuração proposta por Kubrick, mas é trabalhada com cerca de quarenta anos de diferença e tendo em conta as transformações decorridas na Terra durante todo esse tempo.

A evolução da capacidade da máquina, a complexidade das redes de informação e, principalmente, o avanço e autonomização da inteligência cibernética configuram o Outro no espaço terrestre com autonomia e poder particulares. “A síndrome de Abraão” confirma a concretização da “quarta descontinuidade”,

sugerida por Bruce Mazlish, que sustentava a nossa imagem de seres eleitos. Depois de Copérnico, que retirou o Homem do centro do universo, de Darwin, que devolveu o Homem à condição de animal, e de Freud, que desfez a ilusão da racionalidade, a quarta descontinuidade abandona a oposição entre o Homem e a máquina (Mazlish 1995). O Outro não vem de outros planetas ou de novas galáxias. Neste sentido, nos contos de Barreiros, a ideia de uma salvação *ex-machina* assenta no Outro alienígena com quem o ser humano se relaciona directamente, podendo beneficiar dessa relação. Como Rosa aponta, o *cyberpunk* propõe uma ambicionada continuidade entre máquina e humano, reduzindo-a ao denominador comum: a informação. Colocando a máquina e o Homem em paralelo, o *cyberpunk* abre a possibilidade de a informação que possuímos (hábitos, conhecimentos e gostos) se ter transmutado em artefactos mais complexos, podendo até ser mais inteligentes do que o Homem e com maior autonomia (Rosa 2011, 104). Em “A síndrome de Abraão”, não existe uma relação entre eu-humano e tu-entidade automatizada. O Outro, a Enciclopédia, é sempre um “eles”, pessoa plural indistinta e distante do narrador que sente somente os efeitos da acção que o Outro exerce, sem nunca haver a possibilidade de construção de uma relação directa. É uma relação autoritária, na qual o Homem é o subordinado porque nunca questiona.

É neste aspecto que reside o verdadeiro perigo e é ele que torna a criação de monstros galácticos num exercício benigno; aliás, é o que está implícito em “Efemérides” (1999), quando Russell vai à livraria para folhear as histórias de *Moon Monster Stories*, entre outras, durante o seu sonho/alucinação para não sofrer tanto na Lua. O monstro, ou seja, a constituição de um Outro estranho e perigoso, é uma criação do Homem quando se assume e naturaliza o poder inquestionável da tecnologia. Neste sentido, a citação retirada de Primo Levi, sobrevivente do Holocausto, que termina o conto de Barreiros é particularmente significativa: “Os monstros existem, mas são demasiado numerosos para constituírem um perigo. Quem é perigoso são os homens vulgares, preparados para acreditar e obedecer sem discutir” (Barreiros 2010, 254).

O nivelamento do Holocausto com o que advém de uma dependência excessiva face à tecnologia não pretende ser uma comparação do horror do passado com o horror do porvir. Ela somente assinala que o início do verdadeiro perigo surge quando o Homem não diz não, obedecendo incondicional e acriticamente. Esse é também o momento em que nos começamos a desumanizar, abandonando a faculdade de pensar e de agir autonomamente.

Bibliografia

- BARREIROS, João. 2010. *Se Eu Acordar antes de Morrer*. Alfragide: Gailivro.
- BRAGANÇA DE MIRANDA, J. A. 2015. “Corpo utópico”. *Cadernos Pagu* 15: 249-270. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635583>.
- JOUHKI, Jukka. 2019. “The Apparategeist of the Moon Landing”. *Human Technology* 15 (2): 136-141. <https://doi.org/10.17011/ht/urn.201906123153>.
- MANCELOS, João de. 2002. “Dar novos mundos ao mundo: a retórica dos descobrimentos portugueses e do programa espacial norte-americano”. In *Os Descobrimientos Portugueses nas Rotas da Memória*, organização de Marília Lopes, 229-244. Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- MAZLISH, Bruce. 1995. *The Fourth Discontinuity: The Co-Evolution of Humans and Machines*. New Haven: Yale University Press.
- REGIS, Fátima. 2003. “Ficção científica: uma narrativa da subjectividade homem-máquina”. *Contracampo* 9: 177-198. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i09.494>.
- RODRIGUES, Elsa Maria. 2013. *Ecos do Mundo Zero: Guia de interpretação de futuros, aliens e ciborgues*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ROSA, Jorge Martins. 2011. “A dois tempos: imagens da máquina na cibercultura”. In *Imagem e Pensamento*, organização de Moisés de Lemos Martins, José Bragança de Miranda, Madalena Oliveira e Jacinto Godinho, 99-106. Coimbra: Grácio Editor.
- SAGAN, Carl. 1985. *Contact: A Novel*. New York: Simon & Schuster.
- _____. 2000. *Carl Sagan's The Cosmic Connection: An extraterrestrial perspective*, prod. de Jerome Agel, prefácio de Freeman Dyson e Epílogo de David Morrison. Cambridge: Cambridge University Press. Publicado originalmente como Sagan, Carl. 1973. *The Cosmic Connection*. New York: Double.